



O G TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

VALE A PENA LUTAR greves vitoriosas

Depois das paralisações de meia hora referidas no número anterior do nosso jornal, os operários do Sul voltaram à luta, agora por aumento de salário.

Na **BARROS**, (Cabo Ruivo)

Os 800 operários desta empresa (600 mulheres e 200 homens), transformando o seu descontentamento em acção, obrigaram o patrão a ceder aumentos de salário.

No dia 8 de Março, realizaram uma concentração junto da gerência, em que apresentaram as suas reivindicações: aumento de 20\$00 por dia para os homens e de 10\$00 para as mulheres.

Como no dia 18 ainda não tivessem obtido resposta, pararam o trabalho e entraram em greve de braços cruzados. O patrão despediu 20 mulheres e chamou a PSP para expulsar todos os operários da fábrica. Mas os operários não se intimidaram e, no dia seguinte, apresentaram-se de novo na empresa. Como o patrão dissesse que «só entra quem vêm trabalhar e tem que

Na **JEFA** (Alhos Vedros)

Nesta fábrica de confecções, além de outras arbitrariedades, a gerência quis impor às operárias limitações no uso da casa de banho, com o seja quanto ao tempo de uti-

zar o nome à polícia», todos responderam «só trabalhamos quando dârem os 20\$00 aos homens e 10\$00 às mulheres». Nessa altura, 70 agentes da PSP expulsaram os trabalhadores, mas estes resistiram, dando-se a queques. Várias mulheres são agredidas mas respondem da mesma forma. Uma delas, deu uma bofetada num polícia. Outra, deu uma dentada no braço de outro polícia. Empurradas para a Avenida D. Henrique, cerca de 80 mulheres vão à linha do caminho de ferro e, daí, correm os polícias à pedrada.

No dia 25, a luta unida e firme, deu a vitória aos operários, que conquistaram aumento de 10\$00 tanto para os homens como para as mulheres.

Bravo trabalhadores da **Barros!**

Na **JEFA** (Alhos Vedros)

lização, por cada operária e quanto ao intervalo de tempo que devia separar cada utilização. Indignadas, as operárias protestaram e, depois,

(contin. na pág. 2)

Dia Internacional da Mulher, o 8 de Março deste ano foi comemorado em vários pontos do País.

No PORTO, houve um colóquio sobre 'Assistência Materno-Infantil e Democratização do Ensino, com a participação de 150 pessoas; uma reunião sobre 'A Mulher e o Trabalho, em que estiveram presentes 27 mulheres trabalhadoras; um jantar comemorativo, que reuniu cerca de 40 pessoas. Foram ainda editados 1 postal, 1 selo, uma circular e aprovadas saudações aos presos políticos.

Em ALMADA, efectuou-se um colóquio com 100 pessoas.

Em MOSCAVIDE, realizou-se um colóquio e um jantar com 200 pessoas.

Em SANTARÉM, houve um colóquio com 200 pessoas.

No BARREIRO, teve lugar um piquenique com 180 pessoas; uma reunião com as mulheres e exposição de fotografias. Foi enviada uma saudação às presas políticas.

Em TOKRES VEDRAS, realizou-se um colóquio com 150 pessoas.

Em LISBOA, efectuou-se um colóquio.

Sendo a maioria dos trabalhadores da indústria têxtil constituída por mulheres, mais do que simples divulgação, esta notícia visa a estimular as mulheres têxteis a organizarem-se em defesa dos seus interesses de operárias e dos seus problemas específicos de mulheres.

Onde quer que cada uma resida, ou trabalhe, formal COMISSÕES DE MULHERES TRABALHADORAS!

A LUTA DOS TÊXTEIS DO PORTO NÃO PODE LIMITAR-SE AO SINDICATO

A luta por eleições sindicais e a eleição de direcções da confiança dos trabalhadores, é muito importante. Mas ela não deve paralisar a luta pelas necessidades mais imediatas dos trabalhadores. Os operários não podem permitir que os patrões façam à vontade o seu jogo.

A luta por eleições arrasta-se e arrastar-se-á enquanto o patronato puder explorar todas as possibilidades que a lei lhe oferece, enquanto não encontrar pela frente formas de acção mais decididas, organizadas e vigorosas por parte dos trabalhadores.

Vão passados quase 5 anos desde que, em Setembro de 1968, foi entregue ao presidente da Assembléa Geral a lista da classe. Daí para cá, toda uma série de ilegalidades foi cometida.

Porquê procura o patronato retardar ao máximo a realização de eleições? Porquê vigora ilegalmente uma comissão administrativa desde 1968? Está claro de ver que os patrões estão interessados em ter nos Sindicatos direcções dóceis ou comissões administrativas, compostas por lacaios seus, para poderem continuar a impôr aos trabalhadores contratos colectivos de trabalho com salários miseráveis.

E porque querem os trabalhadores fazer eleger para as direcções sindicais homens e mulheres de sua confiança? Está também claro de ver que é para que os seus direitos sejam defendidos, muito

especialmente no que respeita a salários, à Previdência, a períodos de férias, etc. Logo, com eleições ou sem eleições, é preciso desencadear a luta pela conquista dessas reivindicações.

Os patrões, têm pelo seu lado a lei e o Governo e fazem uso de uma e outra coisa. Os operários, só podem contar com a sua unidade e organização e com a sua disposição de luta. É preciso que as usem também de forma eficiente, para poderem fazer recuar o patronato.

A luta sindical tem de ser ampla, deixando de girar quase exclusivamente à volta dos candidatos e da Comissão Promotora. É preciso passar a acções de massas, com concentrações e reuniões tão amplas quanto possível no Sindicato. É preciso fazer concentrações no INT. É preciso ir em massa aos jornais. É preciso protestar vigorosamente contra a situação existente.

Mas a acção sindical não chega. Só por si, não resolve. O patronato pretende amolecer os trabalhadores, limitando a sua acção ao Sindicato.

O que neste momento mais atormenta os trabalhadores, é o elevado custo de vida e são os baixos salários, que o contrato colectivo recentemente assinado não resolveu. Há pois que lutar decididamente e firmemente por aumentar os salários. Como e onde?

A luta por aumento dos salários deve desenvolver-se em todas as empresas, criando-se em cada uma uma Comissão de Unidade, elaborando abaixo-assinados, fazendo concentrações na gerência, paralisando o trabalho.

Porque fizeram greve durante 6 dias, os operários da Barros, de Cabo Ruijo, viram os seus salários aumentados em 10\$00 por dia. Porque fizeram greve durante 1 dia, os tecelões e as tecedeiras da Fábrica do Ferro, de Fafe, conseguiram aumentos que, para muitas mulheres, foi de 20\$00 por dia.

É preciso que em cada empresa se forme imediatamente uma comissão de trabalhadores, firmes e corajosos, que mereçam a confiança dos seus camaradas.

A razão que leva os operários a travar a luta sindical — aumento dos salários e outras regalias — deve ser levada às empresas.

Quando os operários do Porto lutarem mais decididos e em massa, começarão a obter resultados.

Com eleições ou sem elas, a palavra de ordem tem de ser **AUMENTO GERAL DOS SALÁRIOS.**

VALE A PENHA LUTAR

(contin. da pág. 1)

param o trabalho fazendo greve durante dia e meio. O patrão foi obrigado a ceder perante a firmeza das operárias, acabando com tão humilhante imposição.

CONCENTRAÇÃO DE TÊXTEIS NO TRIBUNAL DE FAMILIÇÃO VITÓRIA DA LISTA B

Effectuou-se no dia 4 de Maio no Tribunal de Trabalho de FAMILIÇÃO o julgamento da acção posta pelos operários contra a Comissão de Verificação, que havia anulando ilegalmente a lista B apresentada às eleições para a Secção Sindical, marcadas para 28 de Fevereiro.

Conhecedores de tal facto, os operários têxteis do concelho de FAMILIÇÃO resolveram comparecer à audiência. E nesse dia, vindos de varias fábricas da vila e de diversas freguesias, ali se concentraram mais de 100 trabalhadores, que quizeram com a sua presença deixar bem marcada a confiança e o apoio que lhes merecem os camaradas de trabalho que compõem a lista por eles proposta para os corpos gerentes.

A acanhada sala de audiências, apenas com 60 lugares, não comportou todos os trabalhadores presentes, os quais se aglomeraram à porta e no corredor.

Depois de conhecida a decisão do Tribunal, que deu razão aos operários considerando todos os candidatos com capacidade para serem eleitos, o regozijo foi enorme.

Obtida a primeira vitória, os operários não podem desarmar. Antes devem continuar unidos e a dar todo o apoio à lista por si escolhida. E devem preparar-se para, no dia das eleições, comparecerem todos em massa e, com o seu voto, imporem a sua vontade, isto é, a eleição de pessoas de sua confiança. Mas, atenção às manobras do patronato e do fascismo! Cul-

dados com as falcatruas das listas enviadas pelo correio e outras patifarias em que esses senhores e os seus lacaios são usfeiros e de que têm largo cadastro. Que ninguém deixe de comparecer pessoalmente na secção Sindical no dia das eleições! Tal como fizeram aqueles 100 operários que foram ao Tribunal, todos compareçam no dia das eleições para depositarem pessoalmente o seu voto.

Muita atenção também a outra manobra que continua a ser usada e que é a de as empresas não mandarem a tempo para o Sindicato os

dinheiros das cotizações que descontam nas fêrias que pagam aos operários.

Daqui até às eleições, é preciso intensificar a campanha de propaganda a favor da lista B. Para isso, devem ser formadas imediatamente comissões de operários em cada empresa, compostas por homens e mulheres, comissões essas que devem ser do conhecimento e da confiança dos seus camaradas de trabalho.

Muita atenção, pois! Com unidade e organização, a vitória será vossa!

PREPAREMOS-NOS PARA AS ELEIÇÕES DAS JUNTAS DE FREGUESIA

Em Outubro, devem ter lugar eleições para as Juntas de Freguesia. Estas eleições são de grande importância para as populações locais. São as Juntas de Freguesia que procedem a passagem de atestados para internamento hospitalar, para efeitos de abono de familia e outros fins. São as Juntas de Freguesia que devem reclamar do Governo a satisfação de melhoramentos, tal como escolas, água, luz, esgotos, ruas, caminhos, etc.

Os trabalhadores são quem sente a falta de melhoramentos. São os seus filhos, crianças de 7 e 8 anos, que têm de fazer por vezes caminhadas de vários quilómetros para irem à escola; somos nós que temos de acarretar a água de longe por falta de fontanários; são as mulheres trabalhadoras que têm de andar grandes distâncias com a rou-

pa à cabeça para irem lavar a algum rio por falta de lavadouros públicos.

Por tudo isto também, cabe aos trabalhadores, cabe a todos nós, lutarmos por Juntas compostas por pessoas honestas. Cabe-nos lutar por Juntas em que os trabalhadores participem.

Têm direito a votar todos os cidadãos moiores ou emancipados, homens ou mulheres, que sejam chefes de familia. Não é preciso saber ler.

Operários têxteis! Há que organizar rapidamente a lista de melhoramentos que faltem em cada localidade e fazer dessa lista o programa de reclamações pelo qual os candidatos, se forem eleitos, lutarão junto das Câmaras. É preciso que em cada terra se constitua imediatamente uma Comissão Eleitoral. Vamos a isso!

TÉXTEIS DE LANIFÍCIOS!

Passai à ofensiva em cada empresa

Há 11 anos que foi assinado o último contrato colectivo de trabalho. Daí para cá, o custo de vida tem subido de forma galopante. Os aumentos de salários desde então verificados, nem de longe acompanharam o custo de vida.

Em Outubro de 1970, a Federação Nacional dos Sindicatos do Pessoal da Indústria de Lanifícios apresentou um novo projecto de contrato colectivo. Vão decorridos 8 meses, durante os quais a FNIL, com o apoio do Governo e a cobertura da lei fascista, tudo tem feito para arastar indefinidamente a situação de salários miseráveis. De manobra em manobra, chegou ao ponto de pretender que tudo volte de novo ao princípio!

Os operários não podem consentir numa tal coisa. Mas o certo é que os patrões têm o Governo, o seu governo, o governo dos patrões; têm a lei, a sua lei, a lei fascista, pelo seu lado. O Governo é deles. A lei é deles. Para lutarem contra esta situação, os operários têm a sua unidade e devem ter a sua organização.

A par da continuação da luta através dos Sindicatos, com concentrações, protestos, reuniões e assembleias, a luta deve ser desencadeada em cada empresa, elegendo-se em todas elas Comissões de Unidade.

Em todas as fábricas, os operários devem reivindicar imediatamente os salários que consta do projecto

apresentado pela Federação dos Sindicatos à FNIL. E baterem-se por eles. E fazerem concentrações. E fazerem paralizações. E, seguindo o exemplo dos colegas da Barrosa, recotrerem à greve sem-

pre que tal se imponha e seja possível.

A par da luta sindical, a luta em cada empresa!

Unidade e organização, são as armas de que os operários se devem servir na sua luta contra o patronato!

Avante na luta por aumento imediato dos salários!

Avante na luta pelo contrato colectivo de trabalho!

A REPRESSÃO E O TERROR EM UNHAIS DA SERRA

Na empresa «A Penteadora, Lda», vive-se há muito em situação alarmante. Em fins de 1969, pretenderam obrigar as operárias da secção de reforçadores a passar de 400 para 800 fusos. Não o conseguiram em virtude da greve de 14 dias que então se verificou. Mas em Dezembro de 1970 voltaram à carga, pretendendo agora impôr o controle de 600 fusos. As 3 primeiras operárias submetidas a tal ritmo ficaram esgotadas e recusaram-se a continuar. Foram despedidas. As restantes operárias fizeram greve reclamando a readmissão das colegas. O patrão recorreu ao delegado do INT e este, acompanhado do padre de ERADAS, foi à fábrica tentar convencer as operárias a trabalhar, mas nada conseguiu. As 3 operárias despedidas, foram medidas durante 6 horas numa dependência acimentada de onde saíram enregeladas e esfomeadas. Isto foi em 5 de Dezembro. No dia 6, quando foram queixar-se ao delegado do INT, este fechou-as num gabinete com sofás e aquecimento, onde, para as convencer lhes foi servido leite e bolos. Mas

nada conseguiu também. A greve terminou quando, à tarde, as 3 operárias foram readmitidas.

No dia 12, as operárias começaram a ser chamadas à gerência, para, na presença do delegado do INT e do GNR, as convencerem a trabalhar com os 600 fusos. Durante a recusa, a GNR, com espingardas, empurrou as operárias para os teares. Uma caiu por uma escada. Outra, bafou com a cabeça no tear.

As operárias abandonaram a fábrica. Depois disto, também o padre de Unhais da Serra, a quem a empresa paga 500\$00 por mês, quiz convencer as operárias a trabalhar e a pedirem desculpa ao patrão.

No dia 15, amedrontadas, as operárias voltaram à fábrica e algumas sujeitaram-se aos 600 fusos. O patrão despediu de novo as 3 primeiras que se recusaram. Foram enviados telegramas de protesto e, no dia 18, as 3 foram novamente readmitidas. Mas o presidente da Secção Sindical foi despedido por ter intervido a favor das operárias.